



Dr.

Mauricio Accorsi

Diretor científico
Caderno DDS

O fair play odontológico

Por, Mauricio Accorsi, Diretor Científico, DDS-BR

Um apaziguador é alguém que alimenta um crocodilo esperando ser devorado por último.

Winston Churchill

O saldo dos últimos Jogos Olímpicos em Tóquio é muito positivo para a delegação brasileira e representa o melhor resultado da história, mesmo em meio ao momento extremamente delicado que estamos vivendo de Pandemia. Naturalmente, isso traz algumas reflexões e valiosos ensinamentos. O primeiro deles é de que sempre é possível nos superarmos, especialmente em meio às adversidades, se os nossos objetivos forem de fato valorosos, como bem representar o nosso país, em uma grande batalha que acaba sendo travada muito mais internamente do que com os adversários. O esporte nos traz grandes lições, como o conhecido conceito de “*fair play*”¹, que significa jogar limpo, ter espírito esportivo. Nós tivemos inúmeros bons exemplos de vencedores de “sangue bom”, como da nossa *fadinha*, a skatista Rayssa Leal, da ginasta Rebeca Andrade, do canoísta Isaquias Queiroz, entre tantos outros.

Na Odontologia, nós poderíamos traduzir “*fair play*” como “ética profissional”, e aí nossa atuação passa a ter um enorme papel na vida em sociedade, na medida em que um comportamento ético significa não somente cumprir as regras do jogo de forma a não prejudicar os concorrentes, mais precisamente nossos colegas de profissão; mas principalmente, no sentido de agir de forma a enaltecer os princípios morais e valores que definem a Odontologia enquanto profissão da área de saúde. Lamentavelmente, a realidade é algo bem mais assombroso e preocupante. Em 2022 completo 30 anos de formado e tenho a impressão de estarmos vivendo o período de maior crise ética na Odontologia Brasileira, nas últimas décadas, onde muitas vezes o inimigo mora ao lado.

No esporte, a influência do marketing multimilionário e a pressão da mídia influenciam fortemente os atletas a obterem melhores resultados, fazendo com que muitos deles pensem na vitória como algo a ser obtido a qualquer custo, lançando-se mão de meios ilícitos como o *doping*, a manipulação genética, entre

outros, quebrando assim os princípios fundamentais do “*fair play*”.

Na Odontologia, a pressão vem em grande medida das redes sociais e também de alguns fabricantes, em geral megacorporações de capital aberto que querem vender seus produtos a qualquer custo, e para isso se utilizam de abordagens extremamente predatórias, absolutamente antiéticas e muitas vezes ilegais. Em um país em que parte das instituições é viciada e quem deveria nos proteger e regulamentar o exercício profissional acaba por acobertar comportamentos condenáveis, resta-nos tentar entender de onde vem essa **sanha insaciável pelo poder, pela fama e pelo dinheiro**, ao menos como legado para as próximas gerações.

E aí retornamos para o Japão, país em que tive a oportunidade de visitar por três vezes, e para o qual voltarei por mais trinta, se Deus permitir. Essa admiração explícita e notória não vem apenas da espetacular gastronomia, ou das inovações tecnológicas, muitas das quais pudemos observar em tempo real durante as Olimpíadas, mas principalmente da altíssima qualidade de vida da qual desfrutam os japoneses, fruto da essência de sua cultura milenar que é o espírito de coletividade, algo que naturalmente explica essa qualidade de vida inestimável. Honra é algo que os japoneses levam muito a sério e do qual não abrem mão. Infratores envergonham fortemente suas famílias e seus pares, e muitas vezes a única maneira de salvar-se do fogo eterno da desonra é abrir o próprio ventre, por meio do *Seppuku*²

Esse código de ética social, esse espírito de coletividade é algo que se respira no Japão e representa um grande exemplo a ser seguido, especialmente por nós, brasileiros, onde a “regra” é exatamente o oposto, ou seja, o individualismo puro e simples. Nossas mazelas intermináveis podem ser muito bem definidas pela máxima: “**farinha pouca, meu pirão primeiro**”. Profissionalmente, esse “individualismo puro e simples” pode ser traduzido por um comportamento mercenário.

¹ *Fair play* é uma expressão do inglês que significa modo leal de agir, jogar de maneira a não prejudicar o adversário de forma proposital.

² Como parte do código de honra do *Bushido*, o *Seppuku* era uma prática comum entre os samurais, que consideravam a sua vida como uma entrega à honra de morrer gloriosamente, rejeitando cair nas mãos dos seus inimigos, ou como forma de pena de morte frente à desonra por um crime, delito ou por outro motivo que os difamasse.

rio, típico de quem desconhece o significado de altruísmo e o valor da honra. Muitas vezes, o lobo em pele de cordeiro age como um falso profeta, iludindo seus pares por meio de um comportamento supostamente virtuoso, ao mesmo tempo em que age nas sombras, manipulando as pessoas a sua volta, para poder se vender por algumas poucas moedas.

Ao contrário do que pensamos, não vivemos realmente nesse “mundo glamoroso” das redes sociais, ainda que elas sejam divertidas e, de certa forma, úteis para nós. Nosso encontro diário com a realidade se dá todos os dias, mais precisamente todas as noites, quando deitamos nossa cabeça no travesseiro e somos solitariamente e, implacavelmente, confrontados pela nossa consciência. Entretanto, não precisamos manter uma *Katana* de prontidão, em caso de desliz, pois homens de boa índole, de bom caráter também erram, e erram muito. O caminho da redenção inicia-se por admitir os próprios erros, tirando-se sempre os melhores ensinamentos de cada evento que acontece em nossas vidas, compartilhando essas lições com todos.

Para deixar um futuro melhor para nossos colegas mais novos, para nossos filhos e para a sociedade, precisamos aprender o valor do bom exemplo e para isso é necessário passar mais tempo no mundo real e menos no “mundo externo”, onde estão todos os holofotes, as vaidades e as pressões intermináveis.

Para manter nossa consciência em paz, precisamos avaliar cuidadosamente nossas escolhas, pois nem sempre o que é bom para nós, individualmente, é bom para o grupo, para a profissão e para a sociedade. Sucesso profissional e retorno financeiro são absolutamente legítimos e devem ser buscados, mas não a qualquer custo, não por meio do pragmatismo traiçoeiro e insensível, e certamente, não por meio da omissão covarde. Infelizmente, falar a verdade no Brasil, baseando-se em fatos e em bom senso é tornar-se vítima do escrutínio público, mas são os “*troublemakers*”, ao contrário dos “*apaziguadores*”, que representam a última linha

de resistência frente a total desconstrução que está sendo levada a cabo na nossa profissão, e puramente por conta de interesses financeiros espúrios. Winston Churchill³, o maior herói do Século XX, é quem nos traz a grande lição da vida: “*nunca ceda, nunca ceda, nunca, nunca, nunca, nunca - em nada, grandioso ou pequeno, significativo ou trivial - nunca ceda, exceto às convicções de honra e bom senso. Nunca ceda à força; nunca ceda ao poder aparentemente opressor do inimigo*”.

Falando em homens de honra, citamos na edição passada os americanos Henry Naoum e John Sheridan e nesta edição escolhemos o grande professor Sebastião Interlandi, que foi o primeiro Professor Titular do Departamento de Ortodontia e Odontopediatria da FOU SP e quem criou em 1966, o primeiro Curso de Pós-Graduação em Ortodontia do Brasil. Ele foi aluno de mestrado do icônico Professor Charles Tweed, na Universidade de Saint Louis, nos EUA, e o grande mentor de gerações de ortodontistas brasileiros, que receberam os primeiros ensinamentos da especialidade na “Fazenda Arco de Canto”, em Bragança Paulista, no interior do estado de São Paulo. Muito criativo, inovou nos campos do diag-

nóstico, com destaque para a “Linha I”, e na mecânica, com o *Interlandi Headgear*. Publicou livros com o pensamento em seus alunos, mas com o coração junto aos seus pacientes menos favorecidos, os de “pezinho no chão”, como gosta de se referir a brilhante Professora Solange de Mongelle Fantini, uma de suas discípulas e também sua esposa, com quem dividiu sua vida por décadas até a sua partida para o plano superior em 2019.

O professor Interlandi cultivou com igual entusiasmo o amor pelas letras, sendo autor de poemas de sensibilidade ímpar. Arrojado, escolheu a aviação para se lançar aos céus, em busca de um olhar mais claro e profundo sobre sua existência e assim, influenciou positivamente a vida de muitos e, sem dúvida, é merecedor dessa nossa singela homenagem.

Winston Churchill o maior herói do Século XX, é quem nos traz a grande lição da vida: “nunca ceda, nunca ceda, nunca, nunca, nunca, nunca - em nada, grandioso ou pequeno, significativo ou trivial - nunca ceda, exceto às convicções de honra e bom senso. Nunca ceda à força; nunca ceda ao poder aparentemente opressor do inimigo”.

³ Em discurso realizado no dia 29 de outubro de 1941, para os alunos da Harrow School, em Londres, em plena 2ª Guerra Mundial.